

O TEATRO NO ENSINO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA:  
O RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Fátima Fernandes – leitora na Universidade de Varsóvia – Polónia

Título: O Teatro no Ensino do Português Língua Estrangeira.

Resumo:

Na Universidade de Varsóvia tem-se desenvolvido um projecto pioneiro, onde o teatro é um meio importantíssimo de apoio à aprendizagem do Português Língua Estrangeira.

O Grupo de Teatro Português da Universidade de Varsóvia, formado em 1997, representou já várias peças: de Gil Vicente, O Auto da Barca do Inferno, O Auto da Índia e A Farsa de "Sónia" Pereira - uma comédia romântica baseada na Farsa de Inês Pereira; de A. Pires Cabral, Uma História Sem Camisa. Todas as peças sofreram adaptações de vários tipos, de modo a que o português utilizado fosse cada vez mais contemporâneo e coloquial, abordando também diferentes registos de língua e de modo a que as personagens fossem mais actuais. Verifica-se que, por razões várias, a fluência dos alunos de PLE melhora significativamente quando fazem teatro português. Os alunos, divertindo-se, melhoram a sua pronúncia, apreendem as estruturas da língua portuguesa, incorporam traços da cultura portuguesa, utilizando a língua por e com prazer.

Title: Teaching Portuguese as a Foreign Language Through Theatre

ABSTRACT: For 5 years now, in the University of Warsaw, in the Department of Portuguese and Brazilian Studies, Polish students are improving their skills and knowledge of Portuguese by acting. The plays are all changed and adapted in accordance to the number of students - and there are so many that, right now, and for two years already, we have 3 active groups doing different plays. We also change the language of the plays, so as to make them more modern, so that students can relate to them. The characters and settings are colourful and funny, and the students do have a saying in the making of their characters. After this first stage - changing the texts, building up the characters - comes the serious work: hours and hours of rehearsals, to which students are deeply committed, since for them acting is not only fun, but exciting, creative, and even therapeutic. The intense hours of rehearsing means hours of Portuguese Language practice, during which students improve their accent and absorb inner structures of the language. In the end everybody shares the texts, the jokes that come with it, the funny episodes, and a sort of "community" is created, based on Portuguese Language and Culture. We usually use Gil Vicente's plays, because they are very funny, easily adapted, contemporary, and we all have a deep admiration for this author; but other authors are also used, and now we are preparing a comedy based on Romeo and Juliet, which incorporates many Portuguese specific cultural traits and, of course, the way that cultural identity reflects itself through language.

Na Universidade de Varsóvia, na Secção de Estudos Portugueses e Brasileiros, decorre, desde 1997, algo que começou como um projecto pioneiro, e que é agora uma componente sólida, e uma das áreas mais valorizadas do currículo académico deste curso: o Teatro no apoio à aprendizagem de Português Língua Estrangeira.

No ano lectivo de 1997/98 criava-se, durante uma aula de *História do Teatro Português*, o Grupo de Teatro Português da Universidade de Varsóvia (GTPUV). O Grupo era composto na sua maioria por alunos finalistas da Secção de Estudos Portugueses e Brasileiros da então Cátedra (hoje Instituto) de Estudos Ibéricos.

O Grupo começou com cerca de 10 alunos e a primeira peça que preparou foi uma adaptação de *O Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente. Os actores desdobravam-se nas inúmeras personagens do auto, memorizando falas longas e difíceis, mas sempre num clima muito divertido, inspirado pelas personagens e pela peça, assim como pelo facto de ser um trabalho em grupo. Apesar de o texto da peça se ter mantido muito próximo do original, as adaptações foram várias: o anjo era um *cowboy* de chapéu sobre os olhos, calças de ganga e cigarro na boca, o diabo era uma mulher de negro e vermelho, a alcoviteira era um rapaz vestido de forma colorida e muito espampanante, o enforcado era a *Marilyn Monroe*, os *Cavaleiros de Deus* que entram na Barca do Anjo, no final, eram, nada mais, nada menos que as *Spice Girls*. A moral do auto também se alterou com esta transformação dos cruzados em *girls' band*, com o anjo impossibilitado de se manter imparcial e lúcido perante a beleza das garotas. Após meses de ensaios, em Maio de 1998 representava-se o auto num dos mais antigos teatros da cidade, o Teatro Stara Prochownia, para um público de cerca de 100 pessoas (ultrapassando a capacidade da sala). O *Auto da Barca do Inferno* foi apresentado de novo em Varsóvia, em Fevereiro de 1999, no mesmo teatro, e, um mês depois, o GTPUV trazia a peça a Portugal: ao Teatro Viriato, em Viseu, à Aula Magna da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, em Vila Real, e ao Salão Apostólico de Lamego.

Para além de visivelmente satisfeitos com o sucesso das suas representações teatrais, os alunos pertencentes a este primeiro GTPUV sentiram-se também plenamente recompensados pelos seus esforços, já que as suas competências linguísticas se desenvolveram muito: não só no trabalho de memorização dos seus papéis, na audição dos textos dos outros elementos, mas também pelo facto de a língua utilizada durante os ensaios ser exclusivamente o Português.

Esta primeira experiência teatral revelou, com bastante clareza, o que teria de ser alterado, e o que se poderia e deveria manter. Assim, em primeiro lugar, concluiu-se que os textos teriam, obrigatoriamente, de ser actualizados. Não podemos esquecer que o objectivo principal que justifica a existência do GTPUV é o aperfeiçoamento das competências dos alunos em Português Língua Estrangeira, e a aprendizagem de um Português do século XVI não é o mais desejado pelos alunos. Os elementos do Grupo têm entre 20 e 25 anos, e o Português que querem conhecer e falar é o Português de hoje, manifestando uma vontade especial em conhecer a linguagem utilizada pelos portugueses da mesma faixa etária. A decisão de modernizar os textos foi uma decisão importante, e tem marcado o tratamento de todos os textos que se seguiram ao *Auto*. Outros aspectos houve que se considerou importante manter. A língua de trabalho durante todos os encontros de Teatro seria sempre o Português. Optou-se pela continuação da encenação de comédias, por os alunos se sentirem mais à vontade, por se divertirem, por a reacção do público ser excelente. Optou-se, também, por dar continuidade ao acto de, logo num dos primeiros encontros, fixar a data do espectáculo – factor muito importante na motivação dos alunos. Decidiu-se ainda manter vários aspectos responsáveis pelo sucesso das encenações: a recorrência à música, na caracterização de cada personagem e de determinadas situações; a cor, tanto nas maquilhagens, como nos adereços; a sensualidade exagerada e cómica de algumas personagens; a troca de sexos (alunos a representar o papel de mulheres, e alunas a representar o papel de homens) para acentuar determinados aspectos da caracterização de certas personagens.

Perante o êxito da experiência com *O Auto da Barca do Inferno*, seguiu-se a encenação de *Uma História Sem Camisa*, de A. Pires Cabral. Escolhemos esta peça por ter bastantes personagens – suficientes para englobar todos os interessados – e por ser uma comédia. O texto foi, no entanto, alterado, quer com a intenção de eliminar alguns regionalismos demasiado específicos para actores e público polaco, quer com a intenção de tornar a peça mais viva e colorida. Foi por essa razão que a moral da história também foi radicalmente transformada: em vez de “sem camisa” significar pobreza, que, na obra original, era o único caminho para a felicidade, aqui optou-se por interpretar o “sem camisa” do título literalmente – daí que uma das cenas mais hilariantes seja a do *strip tease* (não integral) do rei. O GTPUV que preparou esta peça era composto por novos alunos, já que os anteriores tinham acabado o curso, e era necessário dar lugar aos mais novos. *Uma História Sem Camisa* foi levada a cena em Maio de 2000 e Março de 2001 em Varsóvia, no Teatro Stara Prochownia.

No ano lectivo de 2000/01 tantos eram os alunos interessados em fazer Teatro Português que, para além do GTPUV que se ocupava ainda de *Uma História Sem Camisa*, se criaram mais dois Grupos. Um dos Grupos ocupou-se da encenação do *Auto da Índia*, de Gil Vicente, e o outro preparou *A Farsa de Sónia Pereira* – uma comédia romântica baseada na *Farsa de Inês Pereira*, de Gil Vicente. Estes três grupos, a trabalhar em simultâneo, eram constituídos por alunos diferentes, havendo, assim, mais de trinta alunos do curso de Estudos Portugueses e Brasileiros envolvidos no Teatro Português – o que significa quase 50% do total dos alunos inscritos nos cinco anos do Curso.

O *Auto da Índia* de Gil Vicente foi adaptado para que a linguagem fosse a de hoje, e de modo a acomodar mais personagens. Neste auto trabalhado pelo GTPUV foram criadas as *Vizinhas*, duas mulheres que adoram estar na conversa com a *Ama* – o que traz dificuldades acrescidas ao encontro desta com os seus vários amantes – e que adoram mexericos; foram introduzidos também piratas ingleses, que trazem uma alteração ao final da peça original: o *Marido* – representado por um aluno angolano – chega, mas pobre, roubado pelos piratas ingleses, o que deixa a sua mulher não só enfurecida, como determinada a partir com o *Chefe dos Piratas*. No entanto, como esta é uma comédia e no final todos têm de ficar felizes, a *Moça* confessa ao *Marido* o quanto gosta dele, o que o leva a reflectir: “*Bem, sozinho também não vou ficar... Enfim, não é a Miss Portugal, mas é capaz de dar!*”, convidando *Lisa Lemos*, uma das amantes da *Ama*, a juntar-se a eles também. As *Vizinhas*, entretanto, decidem dividir entre elas *Manuel Latino*, o fogoso e agora abandonado amante da *Ama*. Nesta versão adaptada do *O Auto da Índia*, foram introduzidas diversas expressões idiomáticas, características de uma linguagem corrente e fluída, assim como gestos típicos da nossa cultura, nomeadamente os dois beijos que as *Vizinhas* davam cada vez que chegavam a casa da *Ama*, ou sempre que se despediam dela (costume que não existe na Polónia). De uma forma imensamente divertida, os alunos aprenderam e apreenderam expressões e gestos típicos, aumentando quase inconscientemente e de modo muito sólido os seus conhecimentos da língua e da cultura portuguesas. O *Auto da Índia* foi representado em 2001: no dia 7 de Abril em Varsóvia, no Teatro Stara Prochownia, e no dia 16 de Junho em Lublin; e em 2002: no dia 9 de Março em Varsóvia, no Teatro Dom Sztuki, nos dias 12 e 13 de Abril de 2002 em Lisboa, no Teatro Maria Matos, e no dia 16 de Abril no Auditório Casimiro Mirita, em Viseu.

*A Farsa de Sónia Pereira* foi uma adaptação bastante livre da *Farsa de Inês Pereira* de Gil Vicente. O texto foi alterado e algumas personagens foram transformadas e outras acrescentadas. Nesta peça era muito clara a existência de diferentes registos de língua: a mãe de *Sónia Pereira* falava como uma senhora da alta sociedade, com um estilo cuidado, *Sónia* falava como uma garota moderna, recorrendo por diversas vezes à gíria juvenil, *Pedro Marques* falava como homem do povo, *Bruno Cabra* – cantor de música *pimba*, que substituiu o *escudeiro* da peça original de Gil Vicente – falava num estilo rebuscado e claramente artificial. Para a construção das personagens foram estudadas as marcas próprias de cada registo de linguagem, expressões idiomáticas, alguns regionalismos, interjeições, assim como os próprios gestos

corporais que se associam, caricatamente, às personagens que utilizam tais registos. Por exemplo, quando Sónia fala com a mãe, no início, está a mastigar e a brincar com a pastilha elástica; quando chega *Pedro Marques* a casa de Sónia, e a mãe de Sónia lhe estende a mão, ele simplesmente lhe dá uma palmada no ombro, ansioso por se mostrar íntimo da família; e quando Sónia, por sua vez, lhe estende a mão para o cumprimentar, ele aperta-lhe a mão enquanto a abana várias vezes para cima e para baixo, desejoso de lhe transmitir a alegria que sente por, finalmente, a conhecer. Os diferentes tipos de linguagem e a exuberância de gestos são ainda mais notados pelos alunos polacos, já que na Polónia não existem tantas diferenças entre registos de língua, e o contacto físico entre as pessoas é muito mais restrito, e ambos contribuem para uma melhor compreensão de determinados aspectos da cultura portuguesa. A introdução na peça de um cantor de música *pimba*, o *Bruno Cabra*, representado por um aluno polaco que cantava mesmo em palco, em português, levou ao estudo deste tipo de música, que muito divertiu os alunos (que têm o correspondente no seu *disco polo*) e os levou a fazer, por diversas vezes, eles próprios, piadas e trocadilhos em língua portuguesa, misturando diversos excertos da peça e alterando o significado de algumas frases pela mera pausa em pontos chave do discurso. Esta personagem, o *Bruno Cabra*, permitiu também juntar várias pessoas interessadas em representar – algumas que já tinham entrado no *Auto da Barca do Inferno* e em *Uma História Sem Camisa* e mesmo algumas da Universidade que não falavam português, mas conheciam o trabalho do GTPUV – que assim puderam ser as fãs do cantor, gritando histéricas quando o ouviam, chorando no seu casamento, dançando de modo desconexo ao som da sua música, muito espalhafatosas e ruidosas, caricaturando as fãs dos cantores de música *pop* e internacionalizando o nosso artista. A acção desta peça segue, apesar de todas as alterações, fielmente o modelo original de Gil Vicente, e a própria moral da obra, “*Mais vale burro que te carregue, que cavalo que te derrube*”, se mantém intacta, ainda que a avó de Sónia – uma das personagens mais engraçadas e levianas desta adaptação – a tente relativizar, observando: “...*Sim... mas os cavalos também não são nada maus, principalmente se forem daqueles de corrida, todos cheios de suor...*” A *Farsa de Sónia Pereira* foi representada no dia 19 de Maio de 2001 no Teatro Stara Prochownia, e no dia 2 de Março de 2002 no Teatro Dom Sztuki, em Varsóvia. Prevê-se a sua encenação em Budapeste, em Outubro de 2002.

No último ano lectivo, 2001/02, continuaram a coexistir três GTPUV simultaneamente: o Grupo que se ocupava do *Auto da Índia*, o Grupo que se ocupava da *Farsa de Sónia Pereira*, e um novo Grupo, o mais numeroso de todos até ao momento, que ensaiou e representou *Romeu e Julieta – a comédia*. Este último Grupo de Teatro é composto por 21 actores, que correspondem a outras tantas personagens. O Grupo é constituído por alunos/actores dos outros Grupos, e por novos alunos – metade do elenco – do Curso Nocturno de Estudos Ibéricos da Universidade de Varsóvia. Estes alunos estudam Língua Portuguesa como língua segunda do Curso, pois, com excepção de 4 semestres (de 4 horas semanais) de Língua Portuguesa, todas as restantes disciplinas são em Espanhol (os alunos de Estudos Portugueses e Brasileiros, por sua vez, têm todas as disciplinas em Português, desde Linguística, a História de Portugal, ou Literatura Portuguesa, entre inúmeras outras cadeiras). Para os alunos do curso nocturno, o Teatro Português é uma das raras possibilidades que têm de aperfeiçoar os seus conhecimentos nesta língua, a melhor forma de praticarem o que sabem, de aumentarem consideravelmente o vocabulário que possuem, de melhorarem a pronúncia, de desenvolverem competências nesta área.

Em *Romeu e Julieta – a comédia*, confluíram várias das características de outras peças trabalhadas pelo GTPUV, realçadas pela liberdade de um texto agora totalmente original (muito afastado da obra de Shakespeare, como é óbvio) e pela presença de tão grande número de actores em cena. A principal personagem feminina – *Julieta Capuleto* – foi representada por um aluno, e todas as personagens masculinas foram representadas por mulheres, que fizeram um extraordinário trabalho de caracterização (confundindo o público). A linguagem dos diferentes tipos sociais foi muito trabalhada: por exemplo, como a família *Capuleto* era da alta sociedade, todos eles se tratavam por “você”. A mãe de *Julieta* era a *Tia Nocas*, e aqui os alunos aprenderam

a identificar o “conceito” de *tia* como um tipo social muito específico, com determinados *tiques* muito próprios, tanto de linguagem como de comportamentos, a quem não faltava sequer o diminutivo característico. A linguagem das prostitutas – dois grupos rivais – também era específico, havendo, entre elas, ameaças de bofetadas e pontapés, e piadas mordazes aos homens que passavam. *Romeu Montecu* caracterizava-se também por uma forma típica de falar, já que ele era um sedutor nato, habituado a lidar com muitas amantes ao mesmo tempo e a ter muito sucesso – até ao momento em que se apaixona por *Julieta* e se transforma radicalmente, para alegria de alguns, raiva de outros, e espanto de todos. O texto está repleto de expressões idiomáticas que os alunos interiorizaram, e que utilizam em conversas com os próprios colegas, como por exemplo a expressão que *Madame Viviane* usa quando interrompe o casamento, gritando “*Alto e pára o baile!*”, ou a expressão a que recorre a *Senhora Ivone de Sampaio e Melo* quando diz à *Julieta* que o *Romeu* não se casará com ela, e que, portanto, ela pode “*Tirar o cavalinho da chuva*”. (Outras frases da peça surgem constantemente no discurso dos alunos, ainda que não sejam expressões idiomáticas, como as célebres: “*Romeu, Romeu, tenho um filho teu!*”, de Rosalina; ou “*Oh meu Romeu, meu Romeu Montecu! Por que morreste tu?*”, que chora *Julieta* sobre um *Romeu* que se finge de morto.) *Romeu e Julieta – a comédia* foi representada no dia 14 de Junho de 2002 no Teatro Dom Sztuki, em Varsóvia, para uma sala completamente cheia. Tanto os actores como várias outras pessoas manifestaram muito o desejo de que a representação da peça se repita brevemente, pelo que se prevê nova encenação para Novembro de 2002.

A linguagem das peças teatrais aproxima-se da realidade dos jovens actores polacos que fazem Teatro, querendo-se compreensível, informativa, apelativa e divertida para os mesmos, cuja fluência em Língua Portuguesa melhora significativamente quando se dedicam ao Teatro Português. Por um lado, as inúmeras horas passadas em ensaios implicam uma verdadeira imersão na língua e, por outro, as representações públicas conferem uma confiança e um à vontade na utilização da língua verdadeiramente excepcionais. Algumas dificuldades que os alunos polacos sentem na aprendizagem da Língua Portuguesa, como a diferenciação entre *ser* e *estar*, ou na utilização dos artigos (inexistentes em Polaco), diminuem consideravelmente com a prática, mas onde se sente um maior progresso dos alunos de Teatro em relação aos outros alunos no uso da Língua Portuguesa é, de facto, no campo da pronúncia. Na Língua Polaca lêem-se todas as letras, e fenómenos como a eclipse “*co’ a*”, em vez de “com a”, ou a aférese “*’stamos*” em vez de “estamos” são difíceis de entender e têm de ser exercitadas. Expressões orais que para nós são comuns, como “Vai mas é passear!” ou “Diz lá o que é que queres?!” , implicam exercícios de pronúncia repetidos constantemente e lembrados sempre que necessário, e aqui o Teatro cumpre um papel essencial e quase insubstituível, na medida em que os textos escritos são transformados em expressões orais repetidas inúmeras vezes, tornando-se o aperfeiçoamento da pronúncia dos alunos mais que uma possibilidade: uma realidade.

Os alunos, divertindo-se, apreendem as estruturas da Língua Portuguesa, as inúmeras expressões idiomáticas que fazem do português um língua tão rica, os jogos de palavras, os sentidos ocultos, fazendo, finalmente, do Português uma língua viva, que utilizam por e com prazer.

Há, neste momento, mais de 40 alunos da Universidade de Varsóvia envolvidos no Teatro Português, que tem sido um factor de aderência ao próprio curso de Estudos Portugueses e Brasileiros. Em 1997/98 os alunos que se inscreviam no primeiro ano do curso eram, na sua maioria, alunos que não tinham entrado no curso de Espanhol, hoje todas as vagas são preenchidas por alunos que elegem o Português como primeira opção, sendo uma das razões da elevada procura que se faz sentir – segundo as Directoras do Instituto de Estudos Ibéricos, a Professora Grazyna Grudzinska, e a Directora da Secção de Estudos Portugueses e Brasileiros, a

Professora Bozena Papis, ambas grandes defensoras e dinamizadoras do ensino do Português em Varsóvia – a existência do Grupo de Teatro Português.

O que acontece aos alunos/actores que acabam o curso? Uma das soluções tem sido integrar, sempre que possível, os actores (ex-alunos) mais interessados nas novas peças, o que é, no entanto, cada vez mais difícil, dada a grande adesão de novos alunos ao Teatro – se em 1997/98 o GTPUV era constituído por alunos dos 4º e 5º anos, já em 2001/02 era composto por alunos dos 2º, 3º, 4º e 5º anos; e se no início o GTPUV era só um, hoje são três os Grupos de Teatro existentes na Universidade de Varsóvia. Os alunos propõem, como solução para esta situação, a criação de um Teatro Profissional, em Português, na Polónia, independente da Universidade. Essa é uma das aliciantes possibilidades do Teatro Português na Polónia no futuro.

Todas as representações teatrais, quer na Polónia, quer em Portugal, não teriam sido possíveis sem o apoio do Instituto Camões (presente desde a sua criação) e da Fundação Calouste Gulbenkian. Não posso deixar de agradecer ainda ao Senhor Presidente da Câmara Municipal de Viseu, às Professoras Assunção Monteiro e Adelaide Oliveira, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, ao Grupo Teatral Filandorra, à Câmara Municipal de Lamego, ao Grupo Mota & Ca., ao ICEP em Varsóvia, à Embaixada de Portugal em Varsóvia, e ao Teatro Maria Matos, pelo inestimável apoio que têm dado ao Grupo de Teatro Português da Universidade de Varsóvia.